

In tempore illo consurget MI-
CHAEL, PRINCEPS MA-
GNUS, qui stat pro filiis po-
puli tui: et veniet tempus,
quale non fuit, ab eo ex quo
gentes esse cæperunt, usque ad
tempus illud.

DANIEL CAP. 12. V. 1.



Se a Tuba, q̃ emboquei à tisonante,
Os tyrannos tremer só fez n'ou-
ti'ora;

D'alta verdade ao som estrepitoso
De os fazer baquear o tempo he
agora...

A TROMBETA FINAL.

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA, E LITERARIA.

N.º 151.)

SEXTA FEIRA 16 DE MARÇO.

(Preço 40 rs.

ANALYSE.

Alcançámos em fim hum Documentô raro, que por sua importancia politica merece que o annunciemos ao Publico. Que se imaginará porém que venha a ser esta Peça, que nos interessou tanto, que tanto nos surpredeu, e que merece que façamos d'ella em o nosso Jornal huma denuncia aos Portuguezes dignos d'este nome? Julgar-se-ha por ventura que será alguma producção da regular, e bem aparada penna do Illustre Escripitor, que se dirigio ao Lord Grey em duas tão sólidas, quanto eruditas Cartas? Será isto alguma nova Apologia aos Direitos de Legitimidade do Nossô Augusto Soberano o Senhor D. MIGUEL I, que sahisse á luz, como tantas outras, escripta por algum Sabio Estrangeiro da França, da Italia, da Allemanha, ou dos Estados-Unidos? Nada d'isto. Que será pois este extraordinario Volume, este Documentô raro? Alguma Compilação de Axiomas Juridicos, fructo de algum Genio infatigavel? Algum Manuscripto precioso, que por injustiça do tempo jazesse coberto de pó, e victima da traça nas escondidas, e recatadas Estantes de algum avarento de boa litteratura? Nada d'isto. Talvez se presuma então que esse immenso Volume, esse Pannal, esse Documentô raro venha a ser alguma cousa exquisita, entre as que hoje amenisão os serios, e aturados estudos do Seculo presente, isto he, alguma Histo-

rieta, alguma Novella, que escapasse da penna satyrica, e galhofeira de algum novo Cervantes, ou mesmo do Moralista Auctor do desmoralizado Gil Blaz. Seja embora; porém não he ainda isto o Documentô, que annunciámos ao Publico.

Depois de tanto aparato, e de tanta bulha diremos finalmente que tivemos em nossas mãos, e debaixo dos nossos olhos (e ainda assim quasi que o não acreditavamos) hum larguissimo, extensissimo, vastissimo, e bojudissimo *Manifesto da Senhora D. Maria da Gloria*, Esposa sem Marido, Rainha sem Estados, Guerreira sem Exercitos, Viajante sem rumo, Filha quasi sem Pai, desnaturalizada do Brasil, e de Portugal. Eis a Obra *maravilhosa*, e estupenda, que attrahio a nossa admiração, que folheámos, lêmos, e relêmos por muitas vezes, e determinámos então denuncia-la aos bons Portuguezes, e presentar d'ella alguns extractos.

Desejavamos fazer huma perfeita analyse de todas as suas linhas, e idéas, e que nos não escapasse mesmo huma só letra; mas recordámo-nos depois que seria preciso hum bom Volume, se pertendessemos huma refutação formal de todas as contradicções, e inepcias, que se contém em todo aquelle enorme Repertorio: por outro lado vimos que a transcendente Questão da Legitimidade d'ElRei Nossô Senhor acha-se tão energica, e victoriosamente combatida, e dilucidada, que não he já possivel aggregar-lhe mais alguma idéa, ou argumento novo. Tudq está

já dito, ha muitos tempos, e excellentemente dito. Os Escriptores Nacionaes tem esgotado a materia; e os Estrangeiros de tantas, e tão diversas Nações tem apresentado ao Mundo Politico sobre este objecto tanta erudição, e conhecimentos das nossas cousas interiores, das nossas Leis, e Pacto Fundamental, raciocinios tão cheios de rectidão, e de luz, tanta dexteridade, e elegancia n'esta Controversia, que se póde em verdade dizer que não só nos tem igualado, como até parece que excedido. Por esta razão não fizemos com o chamado Manifesto outra cousa mais, do que extractar alguns pontos, que nos parecêrão mais salientes. He o Manifesto impresso em ... por ...; e começaremos por hum retalho da Peça.

« Não estava n'aquelle tempo em Portugal (*falla da época, em que fallecêra o* « Senhor D. João VI de Gloriosa Memoria) « o Senhor D. Pedro IV, (*sape*) nem ahi « tinha quem o representasse; (era de so- « bejo o Abrantes) e infelizmente não se « havião tomado de antemão providencias « algumas para este caso; todavia o Go- « verno creado pelo fallecido Monarcha, « poucos dias antes da sua morte, e a cer- « teza, em que estava a Nação inteira, « (*que falta incrível de pudor, e que desca-* « *rramento em produzir mentiras!*) e toda « a Europa, de quem era o legitimo Suc- « cessor, bastarão para que não houvesse « dúvida, nem vacillação em negocio de « tanta importancia. Com effeito, logo se « começou a cunhar Moeda, a administrar « Justiça, e a expedir por todo o Reino « os Actos Publicos em nome do novo Mo- « narcha, cuja Soberania foi immediata- « mente reconhecida (*mente*) pela Nação « inteira: (*e a dar-lhe com a Nação inte-* « *ra!*) o Clero, a Nobreza, o Povo, os « Tribunaes, o Exercito, a Armada, to- « das as Ordens, e todas as Corporações « do Estado (*e se mais mundo houvera, lá* « *chegára*) fôrão unanimes n'este Reconhe- « cimento. (*Bastaria dizer-nos: Todos os* « *Fanqueiros, parte de Capellistas, alguns* « *Barbeiros, Impressores; finalmente, todos* « *os Pedreiros, e Revolucionarios fôrão una-* « *nimes n'este Reconhecimento*) Nem huma « unica voz se levantou em contrario; (*e* « *hum grande parte do Exercito, e Povo,* « *que emigrárão para a Hespanha?*) e pa- « ra se conseguir este fim tão transcen- « dente, não foi necessario Acto algum « directo da Authoridade Publica, (*e a* « *Esquadra Ingleza?*) pois que o Governo « se limitou a regular, por Portaria de 20 « de Março, o novo Formulario, com que

« os Actos Publicos devião ser expedidos « d'alli em diante. Tanto foi geral, es- « pontaneo, e unanime o acôrdo de todos « os Portuguezes no Reconhecimento do « novo Rei, (*sape*) o qual entrou de fa- « cto na posse da Corôa, ainda antes de « saber que esta lhe estava devolvida. « (*era Rei, e elle mesmo o não sabia, e go-* « *vernava sem se sentir! E que milagre!*)» Ora paremos aqui.

Confesso em verdade, e confessarão todos aquelles, em cujo coração presidir a boa fé, que o maior prodigio do descaramento, e da audacia de hum impostor calejado, e dormente na arte de propalar mentiras, he sem dúvida o paragrafo, que acabámos de transcrever. Em tão poucas linhas, e tão diminuto espaço não se comprehenderão jámais calumnias de tão grosso calibre! Se o escrevinhador do Manifesto o fizesse girar ás escondidas, e não dêsse publicidade a hum tal Manuscripto, ainda assim nos assombraria hum semelhante arrôjo; porém fazendo-o passar pelos typos, correr, e circular impresso toda a Europa, todos os Gabinetes, e todos os Povos!... isto he o *supra summum* da valentia! Não ha hum nome proprio, não ha huma expressão, não ha huma frase, que possa exprimir cabalmente em Portuguez, e nem em Lingua alguma hum tal excesso, e huma tal desvergonha! Analysemos bem isto.

Hoje não he já hum mysterio o assassinato horrivel, feito ao mais Amavel, e Virtuoso dos Reis, o Senhor D. João VI, pelos Demagogos, verdadeiros monstros na Ordem Moral, e Politica: os Papeis Publicos, e mesmo entre nós, tem já mencionado este terribilissimo Regicidio. Ora, quando o Senhor D. João VI fallecêo não tinha, nem podia ter D. Pedro quem o representasse em Portugal, por isso que não podia ser representado hum homem, que não era Herdeiro da Corôa, nem o podia ser. A Independencia, e separação politica do Brasil feita por elle; o Reconhecimento d'essa mesma separação não só por todas as Nações, (excepto a Hespanha) como tambem pelo Governo Portuguez, o crime de se ter elle rebellado contra seu Pai, tirando-lhe por meio de huma guerra aberta a melhor parte dos seus Dominios; as affrontas, e sevicias praticadas contra os Portuguezes residentes então no Brasil, por mandado, e expressa commissão de D. Pedro; em fim, as Proclamações, e Papeis Ministeriaes do seu Gabinete, lançadas contra Portugal, sua Patria, seu Estado, e até então sua

Herança, o tinhão riscado da linha de Successão, do coração, e da memoria de todos os Portuguezes: e se se recordavão d'elle algumas vezes, era unicamente para o acabrunhar de pragas, e encher de maldições. Esta he a razão, por que, morrendo o Senhor D. João VI, não teve immediatamente D. Pedro quem o representasse em Portugal; e o argumento do Manifesto, firmado na ausencia do que elle quer que seja Herdeiro, he a prova mais transcendente de lhe não pertencer este Reino. Diz elle: *Que infelizmente não se havião tomado de antemão providencias para este caso.* Eis-aqui mais huma prova de que o ex-Imperador do Brasil não era Rei de Portugal. Se elle o fosse, e se a Nação o tivesse como tal, esquecerião, ou poderião esquecer semelhantes providencias? Haveria mais que dispôr, e que disputar sobre isto? Elle era o Rei, e immediatamente seria Representado. Essa falta de providencias, essa nenhuma Representação, esse desaperecimento do Governo, essa apathia, e indiferença Nacional fazem huma prova authentica do quanto se estava por então fóra do pensamento de collocar o Imperador do Brasil no Throno Portuguez. Portanto, a Nação inteira (como diz o escrevinhador do Manifesto) não estava na certeza de que elle era o *Successor legitimo.*

Outro argumento: *O cunho da Moeda, a administração da Justiça, e os Actos Publicos expedidos por todo o Reino em nome do novo Monarcha.* Todos sabem, e nós o temos visto já por vezes, que para se praticarem no meio de hum Povo Actos de semelhante natureza, nada mais he preciso do que acontecer aquillo mesmo, que nos acontecêo. Basta que huma Facção se apodere por alguns tempos da força, e dos espiritos, que legisle, que governe, e ella fará tudo isso. O Povo cede tudo nos primeiros momentos de surpresa. Irreflectido, e atemorizado vai em huma perfeita coacção para onde o conduzem os seus perseguidores, e carrascos. He mudo espectador das desgraças, que o submerge; e devora em silencio todas as injurias, e atrocidades. A reflexão vem depois. Cala-se, e soffre; logo murmura em segredo, d'ahi a poucos momentos ousa fazê-lo em público; ameaça depois; por fim vem a romper, e despedaça o jugo, que o escravizava, e com elle os tyrannos, que lhe impozerão Leis. Foi isto, o que nós vimos nos Actos Publicos do Governo de D. Pedro, no cunho da Moeda, e no mais: foi tambem isto o que se pra-

ticára na quêda dos seus infames partidarios.

Mas de que valem argumentos com hum escrevinhador, que se anima a avançar: *Que a Soberania* (do ex-Imperador) *foi immediatamente reconhecida pela Nação inteira e que nem huma unica voz se levantou em contrario!!!!* Todos sabem quanto publicamente se blasfemava contra a tyrannia, e usurpação manifesta d'aquelle Governo em detrimento dos Direitos do Senhor D. MIGUEL I: he notorio quanto desejavão os Portuguezes leaes a Vinda do Legitimo Herdeiro do Throno: sabe Portugal, sabem as Nações todas, e todo o Mundo, que huma boa parte da valente, e heroica Tropa d'este Reino emigrou para a Hespanha, e que lá protestou contra a illegalidade, com que se pertendia empoleirar entre nós o ex-Imperador; e que não contenté com estas demonstrações de fidelidade, proclamou Rei, e Legitimo Senhor de Portugal a Sua Magestade Fidelissima, que Felizmente nos Rege, e Regerá em quanto existir no Solo Portuguez Honra, Virtude, e Religião: no emtanto apparece hum homem corrompido, e venal, que á face do Universo diz em letra redonda, *que a Soberania de D. Pedro foi immediatamente reconhecida pela Nação inteira, e que nem huma voz se levantou em contrario!* Assim como não pôde haver calumnia de tal magnitude, não se pôde igualmente atinar com o epitheto, que convem a semelhante impostor.

(Continuar-se-ha.)

ASTUCIAS REVOLUCIONARIAS!

Não ha dúbida: vai-se appropinquando o feliz momento de vermos destruidos pelo egoismo dos Facciosos, que luctando se vê em campo, e cahidos por terra esses *grandes Planos*, de que havião lançado mão, que tantas victorias lhes preconisavão na premeditada usurpação da Corôa d'ElRei Nosso Senhor o Senhor D. MIGUEL I: a intriga os devora, a ambição os consome. Comtudo, a maligna, e mordaz influencia dos terriveis Agentes, que desgraçadamente ainda entre nós advogão sua Causa infame, nem á face mesmo da

visível dissidência, que os combate, e persegue, elles querem, ou podem ceder de huma tal commissão! De todas as maneiras, e por todos os modos tem pertendido enlaçar os Realistas na rêde do descontentamento, desacreditando ao mesmo tempo homens, que empolgando a Vara da Jurisdição, nunca se affastarão da estrada do desinteresse, do bem servir, do amor á Patria, e Lealdade ao Rei. Em macular pois a conducta de algumas Authoridades, para as indispôr na opinião, são ha tempos os mais activos Serviços, em que o revolucionario espirito se tem occupado; e com razão: as Authoridades não querem ceder da honra, que sustentão, nem annuir ás infames Circulares, que lhes tem dirigido: pois então ponhão-se-lhes balbuciantes seus credits, desacreditem-se, infamem-se, e maculem-se; porém de que maneira? Oh subtil audacia! v. g.

Palrando encostados ao còvado: “Al-
“ li vai aquelle que, se vai puchado a so-
“ berba parelha, e em frisante Sege, da
“ algibeira me sahio; porque, se a quiz
“ comprar, foi preciso que eu lhe dêsse
“ hum conto de réis, para intervir na mi-
“ nha soltura!

“Alli passa est’outro que, para a Se-
“ nhora D. Fulana sahir do Limoeiro, pu-
“ chou por 300, ou 400% réis.

“Alli vai aquell’outro por aquelle Pas-
“ seio, que fez sahir da prisão a Fulano,
“ cujo milagre lhe custou hum conto de
“ réis.

“Alli está parado junto ao frade aquel-
“ le Sujeito com bôca de lobo, que chu-
“ chou hum conto de réis ao nosso amigo
“ Fulano, etc. etc.”

Que! E não será isto jôgo Maçonico?
Não serão Serviços prestados á Revolu-
ção? Se o não são, então não sei o que
sejão Traidores!

He necessario pois combatermos es-
tes Malvados, que tanto se empenhão em
servir a Revolução: conheçamo-los pois.
Se os malvados Collaboradores assim tra-
balhão a pró da sua Causa infame, he
mister que os Realistas, conhecendo es-
tes ardis, e seus esforços, se não deixem
soçobrar; e que não se levando só de hon-
ras, e recreios, (alguns) se mettão tam-
bem no precipicio de fidelidade, e sus-
tentem com valentia, e coragem os Car-
gos, que o Soberano lhes Confiou. Para
ser Realista precisão-se bastantes predi-

cados, não basta só dizer-se: = Eu sou
Realista, porque fui, ou deixei de ir á
Hespanha. = V. g.

Hum homem elevado nas azas da for-
tuna, que seja tirado de hum Jardim de
recreio para ir occupar hum Lugar de
maior confiança, e responsabilidade, e
que amuado por isso a hum canto, seja
preciso aguilhão para o fazer mover; e,
quando se mova, vai de tão bom grado,
como hum Padecente, quando caminha
para o patibulo; este homem merecerá a
alguem o nome de Realista? E que con-
fiança poderia merecer hum tal individuo
que, porque o tirassem do seu recreio,
elle enjoára?!... Ainda mais:

Hum Vassallo, a quem o Maçonismo
despojasse de seu modo de vida, porque
não podesse viver com mais decencia, ou
ainda mesmo, porque nada tivesse que
comer, deveria por isso perder os bons
sentimentos Realistas, que possuísse? Não
certamente. Este he o principal predica-
do, além de Religioso, que deve ter hum
Vassallo d’ElRei Nosso Senhor: este só
predicado abaterá a máscara revolutio-
naria, porque os homens *dos tempos* são os
Soldados, de que se compõem as suas fi-
leiras: os filhos do interesse, e da ambi-
ção são em fim os miseraveis revoltosos,
que nos guerrêão: o estarem nas fileiras,
ou fóra d’ellas, nada vem ao caso.

Realistas todos: Religião, Obedien-
cia, Desinteresse, e Gratidão: temos ven-
cido. Estes quatro bronzes affastarão pa-
ra longe nossos inimigos, e então vivire-
mos com mais socego debaixo do Gover-
no Sapientissimo do mais Amado, e do
mais Clemente de todos os Reis, o Invi-
cto Senhor D. MIGUEL I.

AVISOS.

Admittem-se n’esta Folha Correspon-
dencias em fórma, e porte pago.

Sahirá todas as Terças, e Sextas fei-
ras; (sendo possivel) e vende-se nas Lo-
jas de João Henriques, na Rua Augusta;
na de Caetano Antonio de Lemos, na
Rua do Ouro; e ao Pote das Almas, na
de Francisco José de Carvalho.

Tambem se vende em Belém, na Lo-
ja da Gazeta.